

O HOMEM PERIQUITO

J.L.

Só tem que o modesto domador ambulante limita-se a domar periquitos. No começo o animal não aceita a lição, não compreende o que querem dêle. Os bilhetes com a sorte dos consulentes se lhe assemelham comida. À simples visão dêles, lança-lhes o bico e começa a roer o destino do pessoal; e eis que, de simples ave de augure municipal, se transforma em Parca que destrói o destino. Mas o domador atordôa a ave com piparotes e berros, corrige-lhe a propensão de estraçalhar os bilhetes, acostuma-a primeiro a mirar o candidato como se tivesse extraído dêle fluidos suficientes para a escolha da fortuna exata, depois ensina a baixar o beque e entregar ao homem confiante a sua sina em versos e rimas:

"Rapaz bonito e galante
casarás dentro de um mês
mas não finjas, ó farçante,
sê com a diva mui cortês."

O augure ambulante, enternece depois o ambiente com o realejo, o trânsito amortece em tôrno dêle, é o senhor do destino, influe nos circunstantes, tem fôrças formidáveis nas mãos, distribue com o seu periquito, como um deus, o destino das criaturas. Uma poesia muito ingênua e muito lírica sai do realejo, deslumbra a criadinha com a cesta e encanta os maneis condutores. O destino da cabrocha vai sair, meus senhores! E' um momento muito sério. Depois ouvireis música, doce música, "Traviata", "Trovador", "Conde de Luxemburgo", mas agora é bom parar o mundo por dois minutos, o Sol não ande, as nuvens estanquem que o mistério se está dando em plena rua, públicamente como um feito grandioso.